

## **A GRAMÁTICA COMO FUNCIONAMENTO DA LINGUA(GEM): REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**

**RESUMO:** O objetivo principal deste texto é conduzir uma discussão sobre o ensino de língua materna segundo o entendimento de gramática como funcionamento da linguagem. A gramática pensada em direção aos usos e revelada em textos, tal como entende Neves (2004, 2006, 2018), por exemplo, é a base para o desenvolvimento deste estudo. Como consideração final, defende-se que o trabalho com os usos reais é fundamental para o ensino de língua materna, de modo a levar o sujeito-aprendiz a um maior desempenho linguístico.

**Palavras-chaves:** Gramática. Uso. Ensino. Língua Materna.

### **SOBRE A AUTORA:**

#### **CAMILA BORDONAL CLEMPI**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/FCLAr (Bolsa FAPESP, processo n. 2017/16959-6). Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Atualmente desenvolve pesquisas em Linguística com ênfase em Sociolinguística e é membro do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SOLAr).  
camilabordonal@yahoo.com.br

## PALAVRAS INICIAIS

É fato que um complexo jogo de relações de sentidos está envolvido no fazer da linguagem. A gramática, dessa forma, diz respeito a todo cálculo de produção de sentidos, de sorte que é um mecanismo pelo qual o falante de uma determinada língua se utiliza para: (i) produzir significados (semântica); (ii) atribuir efeitos e/ou propósitos (pragmática) e, com isso, (iii) construir enunciados (sintaxe). Em outras palavras, a manifestação gramatical dá-se nas interações verbais e, concomitantemente, por meio da semântica, da pragmática e da sintaxe no sistema linguístico.

Por essa perspectiva,

(Re)conhecer as entidades e as classes gramaticais representa penetrar no funcionamento de um sistema extremamente complexo e de unidades multifuncionais, que não se deixam fixar em conjuntos estanques, de limites absolutamente fixos. Essa multifuncionalidade diz respeito não apenas ao funcionamento do nível da estrutura das construções (o sintático), mas também ao funcionamento do nível dos significados (o semântico) e ao funcionamento no nível da interação linguística e da estrutura da informação (o pragmático) (NEVES, 2018, p. 21-22).

Seguindo a proposta de Neves (2018), afirma-se que a compreensão da relação entre entidades e classes gramaticais requer atenção aos usos linguísticos. O trabalho com o discurso e com o texto, nesse sentido, é fundamental para a observação e a verificação da fluidez da linguagem.

Os usos em situações reais de comunicação são apreendidos como escolhas preestabelecidas pelo sujeito na produção textual e, assim, é rejeitada a homogeneização de classificações na qual desconhece que “o funcionamento de algumas classes de itens pode explicar-se nos limites da oração, por exemplo, mas o de outras só pode resolver-se no funcionamento discursivo-textual” (NEVES, 2006, p. 15). Com base nisso, defende-se que o estudo gramatical deve centrar-se em reflexões de diferentes contextos comunicativos, diferentes gêneros, tipos e sequências textuais, ou seja, a gramática deve ser pensada com vistas ao funcionamento da linguagem e revelada em textos, tal como sustenta Neves (2018).

Desse modo, compreende-se:

[...] tudo o que é possível fazer com a linguagem e obter com a linguagem: exatidão ou inexatidão (quando essa for a intenção); elevação ou banalização (quando essa for a relevância); redundância ou inacabamentos (quando essa for a necessidade); etc. No centro está a noção de que, à parte o núcleo duro da GRAMÁTICA de uma língua, tudo no uso linguístico são escolhas (NEVES, 2018, p. 22-23).

Contudo, percebe-se que no ensino de língua materna, muitas vezes, a gramática é simplificada em regras a partir de usos descontextualizados, embora a proposta seja levar o aluno a um maior desempenho linguístico e ao conhecimento de que saber se expressar linguisticamente não é apenas estruturar sentenças, mas, sim, ser capaz de combinar elementos sintáticos na comunicação e adequá-los às diferentes situações discursivas e sociais (NEVES, 2002, p. 226).

É, por essa razão, necessária a acomodação da noção gramatical aqui assumida nessas circunstâncias. Dessa maneira, o objetivo principal deste estudo é conduzir uma discussão a respeito do ensino de língua materna em sala de aula segundo o entendimento de gramática como funcionamento da linguagem. Para tanto, após esta parte introdutória, o texto está organizado de modo a contemplar a (i) realidade educacional brasileira e o (ii) trabalho com os usos linguísticos como instrumento metodológico.

## **1. O ENSINO DE GRAMÁTICA EM SALA DE AULA**

### **1.1 A realidade educacional brasileira**

Tratando-se da disciplina de língua materna, o papel da escola, em teoria, é o de fornecer ao aluno condições para desenvolver a competência comunicativa nas diversas circunstâncias cotidianas. É reforçado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (daqui em diante PCNs) que o ensino deve contemplar a linguagem como atividade discursiva, além disso, “o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem” (BRASIL, 1998, p. 27), permitindo uma análise reflexiva dos usos e consequente

conhecimento, por parte do aluno, dos aspectos envolvidos na interação verbal, o que resulta na ampliação de seu desempenho linguístico.

Nos PCNs também é acrescentado que tal proposta, no que diz respeito ao encargo dos professores,

*não pode ficar reduzida apenas ao trabalho sistemático com a matéria gramatical. Aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise lingüística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte (BRASIL, 1998, p. 27-28, grifos nossos).*

Em outro documento dos PCNs, de forma complementar, a metodologia sugerida é de que se utilize o saber linguístico do aluno, tendo como foco a atividade comunicativa, entendida como processo de significados e instrumento para a interação social (BRASIL, 2000).

É possível perceber a valoração dada, nos PCNs, ao trabalho sistemático com os usos linguísticos em contexto na sociedade, que parte da variedade linguística do sujeito-aprendiz e caminha para outros domínios da linguagem. A perspectiva sociointeracionista adotada vai, de certa maneira, ao encontro da concepção de gramática aqui trazida, todavia, a prática educacional na contemporaneidade aponta para outros rumos.

A disciplina de língua materna nas escolas brasileiras, em geral, resume-se ao ensino de gramática estanque, isto é, o ensino de gramática, muitas vezes, corresponde à memorização de regras, como se, de fato, o sistema fosse um bloco compartimentado no qual as definições linguísticas ali permanecem, desconectadas com a realidade de usos. Importa, nessa perspectiva, mais a rotulação e menos a função de um determinado item ou de uma classe gramatical, por exemplo, que vai, em consequência, na direção contrária ao ensino reflexivo do funcionamento do sistema linguístico.

Sobre isso, explica Neves (2018, p. 26, grifo nosso):

a língua não é uma entidade engessada e composta por compartimentos que devam apenas a ser rotulados, sem atenção para o seu funcionamento. Pelo contrário, a língua que se observa no uso traz à análise uma produção de sentido em interação, não preestabelecida na letra morta de classificações.

Todavia, é prática comum a (suposta) aprendizagem de gramática do português a partir de atividades de preenchimento de lacunas ou mesmo de reescrita de enunciados trazidos em sentenças soltas. Sobre isso, Ilari e Basso (2007, p. 231) afirmam que o ensino de língua materna parte de duas estratégias, sendo elas a “sistematização gramatical, que na maioria dos casos se confunde com o ensino de uma nomenclatura, e a análise (particularmente sintática) de sentenças mais ou menos descontextualizadas”. Atividades como essas, entretanto, parecem mecânicas, de modo que não há *a priori* o exercício reflexivo de pensar a linguagem em funcionamento.

Neves (2004, p. 18) entende que:

Pouco a pouco uma sistematização mecânica e alheia ao próprio funcionamento linguístico é oferecida como o universo a que se resume a gramática da língua, de tal modo que a gramática vai passando a ser vista como um corpo estranho, divorciado do uso da linguagem, [...]. [O ensino de língua materna] se vem reduzindo à taxonomia e à nomenclatura em si e por si, e é bem sabido que nenhuma “competência” e nenhuma “ciência” advirão da atividade de reter termos e, mesmo, de decorar definições.

Como não integra a comunicação em contexto, o trabalho com a gramática, naturalmente, não tem sido eficaz no ensino. Em outras palavras, não há uma prática educacional de fato eficiente, de modo que o aluno veja o aprendizado de língua materna como útil, já que o conhecimento adquirido, como se verifica comumente, não tem como ponto de partida o discurso, o texto (falado e escrito) nas diferentes situações cotidianas.

De acordo com Neves (2018, p 19), “[...] a visão da GRAMÁTICA como um território isolado do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à sua legitimação como disciplina com bom lugar no ensino da língua portuguesa”, portanto, a reflexão crítica dos usos e efeitos de sentidos na escolha de estruturas linguísticas é algo ainda por se fazer em sala de aula.

Com base nisso, na sequência, são apresentadas algumas considerações importantes sobre o ensino gramatical pensado nos usos.

## 1.2 Os usos linguísticos como instrumento metodológico

A tentativa de homogeneização, isto é, o estabelecimento de um ideal de língua é um recurso bastante corrente no ambiente escolar, que lida, em geral, apenas com o normativo (padrão prescrito) e que deixa, em consequência, a norma (representativo do uso linguístico real) distante das discussões. A língua, porém, ao contrário de ser uniforme, é um sistema heterogêneo, dinâmico e, portanto, variável, que se liga de modo intrínseco à sociedade (cf. LABOV, 2016).

Partindo-se dessa premissa, a linguagem é a ferramenta da língua e se presta a diversas funções, tal como criar laços sociais, informar, exprimir sentimentos, influenciar e ser influenciado etc. Para Neves (2018, p. 36), a linguagem é “aquela que diz exatamente aquilo que tem de ser dito, aquilo que responde ao propósito de dizer, aquilo que atinge o outro exatamente naquilo que pretende atingir” e é, nesse sentido, o meio utilizado pelo falante de uma língua para a apreensão e categorização das realidades do mundo, no qual leva a um objetivo maior: a interação humana, política e social.

Portanto, é tarefa da escola a condução dos usos como centro do ensino de língua materna, já que “pelo uso se chega ao sistema, e pelo significado se chega à forma” (NEVES, 2007, p. 83). Para tanto, é necessária a oferta de uma análise que coloque em evidência as funções linguísticas no interior das diferentes produções textuais, de modo que o aluno consiga entender o “para quê” estudar a gramática. Complementar, afirma Neves (2018, p. 18) que a gramática deve ser levada “[...] ao mesmo universo que é da ciência e é da história, que requer raciocínio e também requer arte, que traz lição e traz vivência”; para a autora, a gramática não está apenas em rótulos ou esquemas, mas, sim, em todos os usos. Considera-se, assim, que o estudo de elementos gramaticais, não somente em termos sintáticos, como também em termos semânticos e pragmáticos, deve ter como unidade o texto, atendendo ao fazer da linguagem.

Convém ressaltar que a finalidade do educador, por meio de um ensino gramatical contextualizado, não é desqualificar a variedade linguística de origem do aluno, mas lhe oferecer o domínio de outras, inclusive (ou mesmo principalmente) a de maior prestígio social, para que seja capaz de construir e articular textos adequados às situações diversas. Entende Travaglia (2002, p. 138), por exemplo, que contemplar a norma padrão é de fundamental relevância:

para que o aluno possa adquirir o conhecimento e habilidades necessários socialmente para agir lingüisticamente de acordo com o que a sociedade estabeleceu e espera das pessoas. Acresce a isso a razão política de possibilitar ao aluno, sem problemas de compreensão, ter acesso a bens culturais acumulados em determinada forma de língua (a variedade culta em todas as suas formas: científica, literária, oficial, jornalística, etc.).

Por esse caminho, as noções dicotômicas de “certo” ou “errado” devem ser descartadas em sala de aula, de forma a combater o preconceito linguístico, dando lugar a uma conscientização dos usos, tanto daqueles que são mais aceitos, prestigiados, como também daqueles que são mais estigmatizados. Desse modo, a reflexão de língua materna que leve em conta a variedade do aluno capacita o sujeito a perceber quais são as exigências linguísticas e sociais do contexto em que está inserido.

É importante, nessa esteira, o direcionamento do ensino aos diversos gêneros textuais, nas modalidades falada e escrita. O objetivo, aqui, não é levantar uma discussão do falado e do escrito, porém, convém enfatizar que, muito embora o ensino de língua materna tenha se dedicado quase que inteiramente à escrita, já que é tida, numa perspectiva social, política e história, como símbolo de poder (GNERRE, 1998), a modalidade falada também é parte do sistema e, como tal, deve ser levada em consideração e, portanto, ser foco de estudo em sala de aula. Como explica Castilho (2011, p. 20),

o ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento linguístico de que os alunos dispõem ao chegar à escola: a conversação. O ponto de chegada será a observação do conhecimento linguístico “do outro”, expresso nos textos escritos de interesse prático (jornais, revista de atualidades) e nos textos literários, cujo projeto estético será examinado.

Na medida em que o enfoque seja a orientação de diferentes gêneros textuais em ambas as modalidades linguísticas e, ainda, com variados propósitos socioculturais, conseqüentemente, é possível orientar o aluno ao conhecimento dos diferentes meios que leva à atividade comunicativa em contexto.

A relevância do estudo e da análise do texto, segundo verifica Neves (2002), é justificada, uma vez que se constitui como a maior unidade de expressão linguística, é dele que se alcança a gramática e não o inverso. O texto deve ser entendido, então,

[...] como uma organização em frases, que podem ser vistas como unidades significativas na interação verbal. Elas se marcam pela sua força enunciativa, ou seja, pela força que tenham no próprio processo de interlocução, podendo apresentar-se com formas e estruturas muito variadas, cabendo lembrar que mesmo frases aparentemente fragmentadas são elementos da linguagem (NEVES, 2018, p. 20-21).

Frases fragmentadas, porém, apesar de serem muito comuns em materiais didáticos, por exemplo, devem ser melhor trabalhadas. O professor, desse modo, deve partir das funções do texto antes de colocar em evidência as nomenclaturas, nesse caso, pensando tão somente no exercício de metalinguagem. Destaca-se que o ensino de língua materna pela metalinguagem é necessário, todavia, considerado *conjuntamente* com os usos<sup>1</sup>.

Essas são, pois, breves considerações que devem ser estendidas ao ensino de língua materna. Assim, é de fundamental importância a incorporação dessa perspectiva pelos educadores no âmbito escolar, na medida em que só se é possível conhecer mais sobre a linguagem a partir de seu próprio modo de funcionamento.

## 2. PALAVRAS FINAIS

A gramática, segundo a compreensão trazida neste texto, é aquela que comanda as produções de sentidos na interação verbal. Por essa razão, defende-se que o trabalho com os usos linguísticos reais deve ser entendido como ponto

---

<sup>1</sup> O trabalho com atividades baseadas nos usos reais da linguagem pode ser melhor verificado em Neves (2018), por exemplo.

central para o ensino de língua materna, de modo a ampliar o desempenho linguístico do sujeito-aprendiz.

Essa prática inverte a noção de gramática simplificada em regras na linguagem descontextualizada, e que, conforme apontado, não leva o aluno a reflexão do real funcionamento linguístico. É uma prática, portanto, ineficaz.

Em geral, as discussões acima levantadas, mesmo que de modo breve, possibilitam uma reflexão no que se refere ao ensino gramatical refletido no fazer da linguagem, com vistas à comunicação em diferentes contextos, de acordo com as exigências do meio social e cultural.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em 29 de novembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2000. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acesso em 29 de novembro de 2018.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. 7ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1ª ed, 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2007.

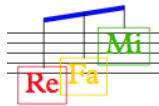
LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. 1ª ed.: 3ª reimpressão. São Paulo: Parábola, 2016

NEVES, M. H. de M. **A gramática**: história, teoria, análise e ensino. São Paulo: Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso da Língua Portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. A gramática e suas interfaces. **Alfa**, São Paulo, 2007, p. 81-98. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/index.php/alfa/article/viewFile/1427/1128>> Acesso em 29 de novembro de 2018.



\_\_\_\_\_. **A gramática do português revelada em textos.** São Paulo: Unesp, 2018.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.